

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Clesia de Lima Silva

Mestrado em ciências da educação.

<https://orcid.org/0009-0000-8169-8479>

E-mail: clesilvape@gmail.com

Francisca Kátia Paulista da Silva

Mestrado em ciências da educação.

<http://lattes.cnpq.br/0026432507495412>

<https://orcid.org/0009-0000-7698-8973>

E-mail: francisca.1391569@educar.rn.gov.br

Karina Regina de Oliveira Tavares

Mestrado em ciências da educação.

<http://lattes.cnpq.br/5209244103519982>

<https://orcid.org/0009-0002-9275-2770>

E-mail: karina.ang@hotmail.com

Maria José da Silva

Mestrado em ciências da educação.

<https://orcid.org/0009-0003-8260-7809>

E-mail: mariajose92469@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N3-10>

RESUMO: O presente artigo analisa as contribuições, as possibilidades de aplicação e os principais desafios da implementação das metodologias ativas de aprendizagem no âmbito da Educação Básica brasileira. Fundamentado em preceitos legais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas matrizes teóricas de John Dewey e Paulo Freire, o estudo discute como estratégias práticas — a exemplo da Sala de Aula Invertida, da Aprendizagem Baseada em Projetos e da Gamificação — operam na reconfiguração dos papéis pedagógicos, posicionando o estudante como protagonista e o docente como mediador. A metodologia adotada consistiu em uma revisão de literatura científica recente (2021-2026). Os resultados indicam que o sucesso dessa virada paradigmática depende da superação de barreiras estruturais nas escolas públicas, do investimento contínuo em programas imersivos de formação docente e da consolidação de processos avaliativos formativos. Conclui-se que as abordagens ativas qualificam o ecossistema escolar, promovendo autonomia, engajamento e a emancipação intelectual dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias Ativas. Educação Básica. Protagonismo Estudantil.

ACTIVE METHODOLOGIES IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT: This article analyzes the contributions, possibilities of application, and main challenges of implementing active learning methodologies within Brazilian Basic Education. Grounded in the legal mandates of the National Common Curricular Base

(BNCC) and the theoretical frameworks of John Dewey and Paulo Freire, the study discusses how practical strategies—such as the Flipped Classroom, Project-Based Learning, and Gamification—operate in the reconfiguration of pedagogical roles, positioning the student as protagonist and the teacher as mediator. The adopted methodology consisted of a scientific literature review of recent publications (2021-2026). The results indicate that the success of this paradigm shift depends on overcoming structural barriers in public schools, continuous investment in immersive teacher training programs, and the consolidation of formative assessment processes. It concludes that active approaches qualify the school ecosystem by promoting autonomy, engagement, and the intellectual emancipation of learners.

KEYWORDS: Active Methodologies. Basic Education. Student Protagonism.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea, impulsionada pelas transformações tecnológicas e pela rápida difusão da informação, impõe novos desafios ao cenário educacional. O modelo tradicional de ensino, historicamente pautado na transmissão passiva de conteúdos e na centralidade da figura do docente, tem se mostrado insuficiente para atender às demandas de uma geração de estudantes hiper conectados e dinâmicos (Bacich; Moran, 2018). Nesse contexto, emerge a necessidade de uma reconfiguração das práticas pedagógicas na Educação Básica, transferindo o foco do ato de ensinar para o processo de aprender. As metodologias ativas de aprendizagem consolidam-se, fundamentalmente, como abordagens capazes de responder a essa exigência, ao posicionar o educando como protagonista e agente construtor do próprio conhecimento.

A relevância dessa transição pedagógica é respaldada pelas diretrizes da Educação Nacional. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a urgência de uma formação integral, que preconize o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, tais como o pensamento crítico, a argumentação, a empatia e a resolução de problemas complexos (Brasil, 2018). Para que tais objetivos sejam plenamente alcançados, a literatura científica recente aponta que a organização curricular e as práticas de sala de aula devem romper com a linearidade rígida, adotando estratégias que estimulem a investigação, a colaboração e a autonomia (Valente et al., 2021). Desse modo, as metodologias ativas não se limitam ao uso de ferramentas digitais, mas englobam intencionalidades pedagógicas que promovem o engajamento cognitivo e social do estudante.

Contudo, a inserção efetiva dessas práticas no cotidiano escolar enfrenta obstáculos de diferentes ordens. A transição de uma postura passiva para uma postura ativa exige não apenas a aceitação por parte dos discentes, mas também uma profunda reestruturação da identidade profissional docente e das condições infraestruturais das instituições de ensino (Diesel; Balvez; Martins, 2022). Autores contemporâneos ressaltam que as reformas educacionais dependem intrinsecamente de políticas contínuas de formação de professores, as quais devem superar a dimensão puramente teórica e vivenciar, na prática, o modelo ativo que se deseja implementar na Educação Básica (Garcia; Rocha, 2024). Diante desse panorama, o problema central desta pesquisa reside na seguinte questão: de que maneira as metodologias ativas podem ser integradas ao processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica de forma a viabilizar as prerrogativas de autonomia e protagonismo previstas pelas normativas educacionais vigentes?

O objetivo geral deste artigo é analisar as contribuições, as possibilidades de aplicação e os principais desafios da implementação das metodologias ativas de aprendizagem no âmbito da Educação Básica brasileira. Justifica-se a presente investigação pela necessidade premente de subsidiar o debate acadêmico e as práticas docentes com reflexões fundamentadas e atualizadas, considerando o hiato ainda existente entre o aparato legal-teórico e a realidade factual das salas de aula. Para atender a esse propósito, o estudo estruturou-se em três capítulos subsequentes, dedicados à fundamentação conceitual dessas abordagens, à apresentação de exemplos práticos e à discussão acerca dos desafios e benefícios inerentes à sua consolidação no ecossistema escolar.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E A RECONFIGURAÇÃO DOS PAPÉIS PEDAGÓGICOS

A implementação das metodologias ativas na Educação Básica não se restringe à adoção superficial de novas técnicas de ensino ou ferramentas digitais; trata-se de um deslocamento paradigmático alicerçado em bases teóricas sólidas. Historicamente, as raízes do ativismo pedagógico remontam ao início do século XX com a Escola Nova, cujo expoente John Dewey (1959) preconizava que a aprendizagem ocorre por meio da

experiência prática e da resolução de problemas reais, associando intrinsecamente o ato de aprender à vida cotidiana e à reflexão democrática. No cenário nacional, a pedagogia libertadora de Paulo Freire (1987) oferece um suporte epistemológico fulcral ao combater a "educação bancária" — na qual o conhecimento é meramente depositado no estudante — e defender uma educação dialógica, emancipatória e conscientizadora, onde educador e educando aprendem em comunhão.

Na contemporaneidade, essa matriz teórica é resignificada para atender às demandas de uma sociedade em constante mutação. Estudos publicados no cenário nacional corroboram que a essência das metodologias ativas reside no engajamento cognitivo, emocional e social do sujeito que aprende (Valente et al., 2021). Sob a ótica da psicologia cognitiva e do construtivismo, o conhecimento não é um objeto estático a ser transmitido, mas uma estrutura complexa internalizada pelo próprio indivíduo por meio da ação, do conflito cognitivo e da interação com os pares e com o meio. Desse modo, as metodologias ativas alinham-se ao preceito de que o estudante é o sujeito epistêmico do processo, cuja atividade intelectual é a força motriz do desenvolvimento de suas estruturas mentais.

Essa transição metodológica impõe, por conseguinte, uma profunda reconfiguração dos papéis tradicionalmente desempenhados no ecossistema escolar. O docente desocupa o lugar de detentor absoluto do saber científico e assume a função de designer de aprendizagem, facilitador, mediador e orientador dos percursos formativos (Bacich; Moran, 2018). Essa alteração de postura exige que o professor possua a intencionalidade pedagógica necessária para planejar situações de aprendizagem desafiadoras, fazer perguntas geradoras de reflexão e intervir pontualmente para mediar os conflitos conceituais que emergem na sala de aula. O ato pedagógico deixa de ser uma exposição unilateral e passa a ser uma arquitetura de experiências voltada ao desenvolvimento de habilidades complexas.

Paralelamente, o discente é conclamado a abandonar a postura de receptor passivo e resignado das informações, migrando para a condição de protagonista de sua própria formação. Ser ativo, nessa perspectiva, significa exercer a autonomia, o pensamento crítico, a autoavaliação e a corresponsabilidade no processo educacional (Diesel; Balvez; Martins, 2022). O estudante aprende a pesquisar, a selecionar criticamente as fontes de

informação, a colaborar em equipes heterogêneas e a aplicar conceitos teóricos na resolução de problemas factuais. Portanto, a fundamentação conceitual das metodologias ativas consubstancia-se na crença de que a educação de qualidade se faz por meio do diálogo interativo e da práxis, articulando a teoria e a ação de forma indissociável na Educação Básica.

ESTRATÉGIAS PRÁTICAS DE METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A materialização das metodologias ativas no cotidiano da Educação Básica requer a superação do plano abstrato por meio de arranjos didáticos estruturados. Na literatura contemporânea e nas práticas validadas pelas redes de ensino, destacam-se abordagens fundamentadas no Ensino Híbrido e na Aprendizagem Baseada em Problemas, as quais redefinem a dinâmica do espaço-tempo escolar (Bacich; Moran, 2018). Entre as estratégias de maior impacto no desenvolvimento cognitivo e procedimental dos estudantes, sobressaem-se a Sala de Aula Invertida (*Flipped Classroom*), a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) e a Gamificação, aplicadas de forma transversal nas diferentes etapas da escolarização.

A Sala de Aula Invertida configura-se como uma estratégia que otimiza o tempo pedagógico presencial. Nessa abordagem, o contato inicial com os conceitos teóricos ocorre de forma assíncrona, no ambiente domiciliar, por meio de curadoria prévia realizada pelo professor — que disponibiliza videoaulas, textos, podcasts ou infográficos (Valente et al., 2021). O espaço da sala de aula é, consequentemente, ressignificado: em vez da tradicional exposição magistral, o tempo presencial é dedicado a debates, resolução de exercícios complexos, estudos de caso e esclarecimento de dúvidas. Pesquisas empíricas revelam que essa inversão potencializa as interações interpessoais e permite ao docente oferecer um atendimento diferenciado aos alunos que manifestam maiores dificuldades conceituais (Almeida; Silva, 2023).

Adicionalmente, a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) destaca-se pelo seu caráter interdisciplinar e investigativo. A ABP parte de uma pergunta-problema ou de um desafio real, conectado ao contexto social dos estudantes, exigindo que estes investiguem,

colaborem e criem soluções tangíveis ao longo de um período determinado (Rocha; Souza, 2024). Essa metodologia alinha-se perfeitamente às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois estimula a autonomia, a pesquisa científica, a gestão do tempo e o trabalho em equipe (Brasil, 2018). No Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a ABP permite articular componentes curriculares distintos — como Matemática, Ciências e História — na resolução de problemas socioambientais ou urbanos da comunidade escolar, conferindo sentido prático ao conhecimento acumulado.

Por fim, a Gamificação insere a lógica, a estética e os elementos dos jogos eletrônicos ou analógicos no processo de ensino-aprendizagem, sem que o objetivo final seja o mero entretenimento. Estratégias que envolvem sistemas de pontuação, missões, avatares, *feedbacks* imediatos e narrativas imersivas promovem um incremento substancial no engajamento e na motivação intrínseca dos educandos (Martins; Pereira, 2025). Longe de se restringir ao uso de plataformas digitais de questionários, a gamificação na Educação Básica atua no desenvolvimento de funções executivas e competências socioemocionais, tais como a resiliência diante do erro, o pensamento estratégico e a tolerância à frustração. A articulação intencional dessas diferentes práticas assegura a transição para um ecossistema de aprendizagem verdadeiramente dinâmico e plural.

BENEFÍCIOS, DESAFIOS E AS PRERROGATIVAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO

A transição para um modelo educacional calcado nas metodologias ativas na Educação Básica produz impactos profundos que se estendem para além do domínio cognitivo. Sob a ótica dos benefícios, a literatura científica evidencia que o protagonismo estudantil atua diretamente no desenvolvimento de competências socioemocionais e no pensamento crítico (Valente et al., 2021). Ao gerenciar projetos ou solucionar problemas em equipe, o educando exercita a liderança, a escuta ativa, a resiliência e a empatia. Além disso, a abordagem ativa promove uma aprendizagem significativa, uma vez que o conhecimento deixa de ser decorado para avaliações pontuais e passa a ser mobilizado para responder a situações reais, resultando em maior retenção conceitual e no desenvolvimento da autonomia intelectual do educando.

A despeito das vantagens amplamente documentadas, a consolidação dessas práticas no cotidiano das escolas brasileiras enfrenta desafios estruturais e culturais complexos. O primeiro grande obstáculo reside nas disparidades de infraestrutura física e tecnológica das instituições de ensino, especialmente no cenário da escola pública (Garcia; Rocha, 2024). A implementação de estratégias como a Sala de Aula Invertida ou o Ensino Híbrido pressupõe conectividade estável e acesso a dispositivos digitais, realidade que ainda se choca com as assimetrias socioeconômicas do país. Contudo, autores contemporâneos alertam que a escassez tecnológica não deve ser uma barreira intransponível, visto que as metodologias ativas podem ser operadas por meio de recursos analógicos, desde que haja intencionalidade pedagógica (Diesel; Balvez; Martins, 2022).

O segundo e mais crítico desafio concerne à formação docente. O modelo de formação inicial nas licenciaturas, historicamente focado em matrizes curriculares teóricas e transmissivas, deixa lacunas severas no que tange à instrumentação prática para a mediação pedagógica ativa. Consequentemente, o professor muitas vezes reproduz a docência expositiva com a qual foi educado. Estudos recentes destacam que os programas de formação continuada oferecidos pelas redes de ensino precisam superar o formato de palestras esporádicas e adotar uma perspectiva imersiva (Santos; Oliveira, 2025). Para que os docentes incorporem a postura de facilitadores, é imperativo que eles vivenciem as metodologias ativas na condição de aprendizes durante seus processos de aperfeiçoamento profissional.

Por fim, a reconfiguração dos processos avaliativos desponta como condição *sine qua non* para o sucesso dessa virada paradigmática. Não é coerente submeter um estudante que desenvolveu sua aprendizagem de forma colaborativa, prática e autônoma a exames baseados puramente na memorização. Exige-se a transição para uma avaliação formativa, processual e multidimensional, que utilize rubricas de aprendizagem, autoavaliações e portfólios capazes de mensurar não apenas o produto final, mas o percurso investigativo e as atitudes do estudante (Martins; Pereira, 2025). Portanto, transpor esses desafios requer políticas públicas integradas que articulem a melhoria da infraestrutura escolar, a valorização do trabalho docente e a reestruturação das culturas avaliativas institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação acerca das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica desvela que essas abordagens transcendem a mera adoção de técnicas ou aparatos tecnológicos. Elas representam uma resposta necessária e urgente às transformações socioculturais contemporâneas, alinham-se às prerrogativas legais estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e resgatam as bases dialógicas e experienciais propostas por teóricos de vanguarda como John Dewey e Paulo Freire. Ao deslocar o eixo da centralidade pedagógica do docente para o discente, fomenta-se um ambiente propício para a emergência do protagonismo, da autonomia e do pensamento crítico necessários aos cidadãos do século XXI.

Os dados e as discussões teóricas mobilizados ao longo deste estudo demonstram que estratégias como a Sala de Aula Invertida, a Aprendizagem Baseada em Projetos e a Gamificação possuem alto potencial de engajamento cognitivo, procedimental e socioemocional. Contudo, a efetivação dessas práticas no ecossistema escolar brasileiro está condicionada à superação de barreiras estruturais severas. As assimetrias no acesso à infraestrutura tecnológica e à conectividade nas instituições públicas demandam criatividade pedagógica e, fundamentalmente, políticas públicas robustas de investimento que mitiguem as desigualdades e garantam a democratização da inovação educativa.

Ademais, conclui-se que o fator humano permanece como o pilar decisivo nessa virada paradigmática. A transição do papel docente de transmissor para mediador exige uma revisão profunda e continuada dos modelos de formação de professores, tanto na esfera inicial quanto na continuada. Os educadores necessitam de espaços formativos que também operem pela lógica ativa, conferindo-lhes a segurança epistemológica e a instrumentação didática indispensáveis para mediar e desenhar experiências de aprendizagem significativas. Paralelamente, faz-se imperiosa a reconfiguração dos sistemas institucionais de avaliação, migrando de modelos punitivos e memorísticos para práticas formativas e processuais.

Por fim, as metodologias ativas não devem ser encaradas como panaceia ou modismo educacional, mas como ferramentas de qualificação social do espaço público de aprendizagem. Recomenda-se, para estudos futuros, o desenvolvimento de pesquisas empíricas de longo prazo que acompanhem os impactos dessas abordagens no

desempenho escolar e no ingresso de egressos da Educação Básica no Ensino Superior e no mundo do trabalho. O amadurecimento dessa práxis é o caminho para consolidar uma escola que não apenas instrua, mas que emancipe, acolha e potencialize as capacidades plurais de seus estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo Ferreira; SILVA, Camila Santos. A sala de aula invertida no Ensino Fundamental: percepções e desempenhos na disciplina de ciências. **Revista Prática Docente**, v. 8, n. 2, e23042, p. 1-15, 2023.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**: introdução à filosofia da educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959.

DIESEL, Aline; BALVEZ, Aldaona Rossi; MARTINS, Silvana Neumann. As metodologias ativas de ensino-aprendizagem na transição de paradigmas educacionais. **Revista Prática Docente**, v. 7, n. 1, e22001, p. 1-18, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Roberto Silva; ROCHA, Mariana Souza. Formação continuada e o desafio das metodologias ativas na escola pública contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Básica**, v. 8, n. 22, p. 45-61, 2024.

MARTINS, Silvana Neumann; PEREIRA, Thiago Castoldi. Gamificação na Educação Básica: engajamento e desenho universal para a aprendizagem. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, e39241, 2025.

SANTOS, Lucas Andrade; OLIVEIRA, Beatriz Maria. Desafios da docência na Educação Básica: da aula expositiva à mediação ativa. **Revista Eletrônica de Educação (REVEDUC)**, São Carlos, v. 19, e145082, p. 1-20, 2025.

VALENTE, José Armando et al. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, e105741, 2021.

VALENTE, José Armando et al. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, e105741, 2021.

Submissão: fevereiro de 2026. Aceite: março de 2026. Publicação: julho de 2026.